

“MENSAGEIRA DE RELAÇÕES”: A PROFESSORA PRIMÁRIA COMO INTELLECTUAL DA CIDADE

“MESSENGER OF RELATIONS”: THE ELEMENTARY TEACHER AS INTELLECTUAL OF THE CITY

Wiara Rosa Rios Alcântara¹

RESUMO: São os professores primários intelectuais? Este artigo visa a discutir a atuação e a constituição da professora primária como intelectual da cidade a partir da trajetória da professora BotyraCamorim, que atuou no campo educacional paulista na primeira metade do século XX. Para tanto, lançarei mão dos livros de memória, romances, contos e artigos por ela produzidos. Essas fontes permitem investigar, pelo estudo do conteúdo e da forma das obras, as estratégias que Botyra engendra para intervir na sociedade como professora e intelectual (SIRINELLI, 1996). Para este estudo, a operação metodológica consistiu em analisar não somente o conteúdo, mas a forma das publicações de Botyra por entender que esse procedimento permite perscrutar os lugares de sociabilidade (GOMES, 1999) que tornam possíveis a emergência e a divulgação das obras e dos saberes, bem como as *estratégias de reconversão* para intervenção na escola e na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: professora primária, intelectual, escrita docente.

ABSTRACT: Are the intellectual primary teachers? This article seeks to discuss the performance and the primary teacher's constitution as intellectual of the city starting from teacher BotyraCamorim's path that acted in the from São Paulo education field in the first half of the century XX. For so much, I will throw hand of the books of memory, romances, stories and goods for her produced. Those sources allow to investigate, for the study of the content and in the form of the works, the strategies that Botyra engenders to intervene in the society, as teacher and intellectual (SIRINELLI, 1996). For this study, the methodological operation consisted of analyzing not only the content, but the form of the publications of Botyra for understanding that procedure allows to search the sociability places (GOMES, 1999) that turn possible the emergency and the popularization of the works and of the knowledge, as well as the *reconversion strategies* for intervention in the school and in the society.

KEYWORDS: primary teacher, intellectual, teacher writing.

Introdução

O presente texto foi desenvolvido no âmbito da pesquisa de mestrado, na qual abordei a trajetória e a experiência docente da professora paulista BotyraCamorim a partir da literatura por ela produzida. Tentando

¹ Mestre em Educação. E-mail: wi.alcantara@usp.br

Rev. Fac. Educ. (Univ. do Estado de Mato Grosso), vol. 19, ano 11, n.1, p. 71-92, jan./jun. 2013.

perceber como ela significou a profissão docente, pode mostrar, ainda que timidamente, como o sujeito se produz nas experiências e como as identidades são reinventadas em função das próprias condições de trabalho, sociais e ou familiares.

A experiência de Botyra no campo do magistério primário, registrada na literatura por ela escrita, favoreceu uma abordagem histórica sobre a formação de professoras, a carreira do magistério e a relação dos professores com as inovações, com os saberes pedagógicos ou não. Considerando que a produção escrita de Botyra foi tomada como fonte para a pesquisa, fez-se necessário pensar as condições de emergência da literatura e de uma professora primária como escritora e intelectual.

A partir de um itinerário individual, este artigo tem a finalidade de discutir como essa professora primária se constituiu como intelectual, destacando a relação da mesma com a escrita e com os modos pelos quais a aciona para veicular saberes a partir de outros espaços que não a escola. O problema sobre o qual este texto se debruça é: São os professores primários intelectuais? A hipótese é a de que não apenas os grandes intelectuais que se destacam no cenário nacional interferem nos saberes e nas práticas da escola e da cidade. As pessoas ordinárias, professoras comuns, por meio de *estratégias de reconversão* e *sociabilidade*, interferem decisivamente nas pequenas e médias cidades onde atuam como *intelectuais*. Para tanto, o método adotado é o estudo do conteúdo e da forma das obras literárias da professora primária BotyraCamorim, as quais também permitem investigar trajetórias docentes e sua constituição como intelectual.

Tendo atuado no campo educacional entre os anos de 1929 e 1959, essa paulista, após a aposentadoria, produziu uma quantidade significativa de livros de memória, romances, contos, crônicas e artigos que permitem problematizar a relação da professora com a escrita e com a publicação. A vasta produção da professora se deu nas décadas de 1950 e 1960 (delimitação temporal) e foi analisada sob os aspectos da forma e do conteúdo.

Lançando mão da escrita, Botyra se torna uma *mensageira de relações*. A expressão é cunhada por Natalie Davis (1990), quando busca entender as relações entre a palavra impressa e o povo. Segunda a autora, no caso francês, a palavra impressa entrou na vida popular no século XVI, criando novas redes de comunicação, abrindo novas opções para o povo e também oferecendo novas formas de controlá-lo. É nesse sentido que o livro impresso é tomado não apenas como uma fonte de ideias e imagens, mas como um *mensageiro de relações*. Aqui a expressão tem a finalidade de mostrar como,

ao lançar mão da escrita e da palavra impressa, Botyra veicula saberes para a cidade onde residia e para os demais professores do estado de São Paulo.

Além dessa categoria, outra assume fundamental relevância. Sob que perspectiva Botyra é entendida como *intelectual*? A professora é assim reconhecida pelos seus pares e contemporâneos que com ela conviviam, de acordo com as representações sociais daquele grupo acerca do intelectual.

Vale salientar que Alessandra Schueler (2008) também se debruçou sobre a problemática dos professores primários como intelectuais da cidade. No entanto, ela investiga as experiências profissionais e a produção escrita de um grupo de professores(as) do ensino primário na Corte Imperial. Portanto, outro espaço e outra delimitação temporal. Metodologicamente, ela estuda a vida de um conjunto significativo de professores(as), ao passo que aqui se aborda um itinerário individual. Schueler (2008) analisa também a formação, o ingresso e a trajetória desses professores no magistério público. Esta pesquisa restringe-se a compreender as condições de emergência de uma professora de uma pequena cidade como intelectual, considerando as estratégias e as táticas para continuar intervindo e divulgando saberes, mesmo após a aposentadoria.

O primeiro livro de Botyra foi publicado após a aposentadoria em 1962. Tratava-se de uma autobiografia, intitulada *Uma vida no magistério*. O livro de memória expressa muito bem o trânsito que ela fez entre o campo educacional e o literário – de um lado, as memórias da vida escolar são usadas para compor o enredo; de outro, lança mão do romance para divulgar “quanto faz e sofre um professor” (CAMORIM, 1962, p.9).

Após a aposentadoria, Botyra cria para si um projeto de escritora, ao qual dedica os últimos anos de sua vida. Ela publica um romance por ano, concomitantemente a outros gêneros literários, como poesia, contos, além de artigos e outros. Se o professor está do lado da fala e o intelectual da escrita, o professor intelectual é aquele que exprime e publica a sua fala (BARTHES, 1987). A escrita é uma prática inerente à profissão docente. No entanto, a professora confere à escrita outros usos que extrapolam o escolar. Essa prática é favorecida pelo acesso que ela tinha a um instrumento próprio para escrita destinada à publicação – a máquina de datilografar.

Como perceber o ato de professoras lançarem mão da escrita para enunciar certo discurso? Os professores frequentemente enunciam os seus discursos por meio da fala. Que circunstâncias propiciaram a emersão do discurso escrito? A escrita começa quando a fala se torna impossível (BARTHES, 1987). Esse elemento ajudaria a entender o fato de as professoras escreverem

sobre a vida escolar no final da carreira ou quando aposentadas? Se esse não é o único elemento, pois podemos considerar também a possibilidade de, no final da carreira, se fazer um balanço da vida construindo uma história exemplar e modelar, pelo menos ele permite perceber a coexistência num mesmo indivíduo da “linguagem do professor e do intelectual” (BARTHES, 1987, p.265).

Quem ou quais grupos atribuíram a Botyra o título de intelectual? De onde parte esse reconhecimento e como ele se constitui? A produção de Botyra atinge seu auge a partir da década de 1950, quando ela se torna professora no Instituto de Educação de Mogi das Cruzes. Trabalhando pela primeira vez na zona urbana, a produção dela não pode ser entendida à parte dos *lugares de sociabilidade*, como o Instituto e a própria cidade.

A categoria “*lugar de sociabilidade*” é fértil para pensar as condições de emergência das obras e de uma professora primária como intelectual. Ângela de Castro Gomes (1999, p.11) usa a categoria como ferramenta para estudar o “percurso de intelectuais que, na década de 1930, a partir da capital da República, pensavam o Brasil pondo em causa a identidade nacional”. Fundamentada em Jean François Sirinelli e Michel Trebitsch, a autora afirma que, nos lugares de sociabilidade, “os intelectuais se organizam, mais ou menos formalmente, para construir e divulgar suas propostas” (p.11).

Tais lugares se tornam “legitimados para o debate e a propagação de idéias, indissociáveis de formas de intervenção na sociedade” (p.10). Assim, a noção de “lugares de sociabilidades” é tomada pela pesquisadora sob uma dupla acepção: das “*redes de sociabilidade*”, que são as estruturas organizacionais, mais ou menos formais, tendo como ponto nodal o fato de se constituírem em lugares de aprendizado e de trocas intelectuais, indicando a dinâmica do movimento de fermentação e circulação de ideias, e dos “*microclimas*” que, secretados nessas redes, envolvem as relações pessoais e profissionais de seus participantes (p.20).

Como professora e intelectual, Botyra poderia intervir na ordenação e na educação da cidade. No que se refere à atuação de professoras em cidades sem a expressividade dos grandes centros, o caso de Botyra não é único, mas é representativo do modo como, pela literatura e pela imprensa local, uma professora engendra outros lugares de onde pode continuar a dizer. Pela escrita, a professora, mesmo depois da aposentadoria, pôde veicular saberes e, por essa via, continuar transmitindo saberes e educando a sociedade e os outros professores. Que condições propiciaram a emergência de Botyra como intelectual da cidade?

Para elucidar a discussão aqui proposta, o texto será dividido em quatro partes. Na primeira, discorro acerca da efervescência cultural de Mogi das Cruzes e sobre a cidade como lócus privilegiado para as sociabilidades intelectuais. Na segunda, apresento a inserção social de Botyra como “intelectual da cidade” e as estratégias e táticas para publicar suas primeiras obras. Em seguida, trato, brevemente, da circulação e da recepção dos livros; e, por fim, destaco os saberes que a professora divulgou em suas publicações (sobretudo jornais) para, como intelectual, continuar intervindo na vida da cidade.

Mogi das Cruzes² como arena cultural³

A atuação de Botyra em Mogi das Cruzes, onde fixou residência até a sua morte, em 1992, lhe valeu diversos títulos. Recebeu, por exemplo, o título de intelectual do ano em 1966 “pela sua constante atividade intelectual” e o de cidadã mogiana em 1968, sendo a primeira mulher a receber tal menção honrosa. Em 1969, foi sócia fundadora da Associação de Pais e Amigos dos excepcionais (APAE) de Mogi das Cruzes e sua primeira diretora por seis anos. Essa instituição leva hoje o seu nome. A participação da paulistana, que se tornou “cidadã mogiana”, era perceptível em diversas frentes. No entanto, além de ter se destacado como professora, Botyra ficou conhecida como escritora mogiana.

Os escritores mogianos eram intelectuais da cidade reunidos em torno do Centro Mello Freire de Cultura (CMFC). A entidade se constituía em uma rede de apoio na publicação e divulgação das obras dos membros. Dentre os membros do CMFC, Botyra é um dos que tem uma produção expressiva: colaborou na extinta revista *Jornal das Moças* do Rio de Janeiro, de 1933 a 1945; na *Revista do Professor* e no *Jornal do Professor* do Centro do Professorado Paulista (CPP); na *Tribuna* de Cachoeira Paulista; na revista *Perspectiva*, da Escola de Pais de Mogi das Cruzes; n’*A Gazeta* de São Paulo e na página feminina Suzana Rodrigues, do *Diário de São Paulo*.

Com o exercício do magistério no Instituto de Educação de Mogi das Cruzes, foi possível a formação de vínculos com o pessoal docente e administrativo da escola. Como evidência das redes e dos microclimas, podem

² As informações e documentos sobre a atmosfera cultural na cidade de Mogi das Cruzes foram contribuições da professora Nyssia Freitas Meira, presidente do Centro Mello Freire de Cultural e professora da Universidade de Mogi das Cruzes.

³ O termo “arena cultural” foi tomado de Richard M. Morse (1995), que faz uma reflexão sobre as cidades periféricas como arenas culturais, tentando perceber como o ambiente urbano é experimentado e expresso.

ser citadas as publicações de Botyra na *Revista do Professor*, sob a direção de Luiz Horta Lisboa, diretor do Instituto de Educação de Mogi das Cruzes. A publicação da autobiografia, pela editora Saraiva, é divulgada nesse periódico, estimulando os sócios do Centro do Professorado Paulista (CPP) a lerem a obra, já que essa foi dedicada “aos professores do meu glorioso Estado de São Paulo”. O texto de divulgação é escrito por Luiz Horta Lisboa, também diretor-gerente da revista.

Na época de criação da *Revista*, a associação procurava “atrelar a valorização do trabalho docente à adesão da categoria ao CPP” (VICENTINI, 1997, p.4). Vicentini (1997, p.11) ressalta que, no período de 1933 a 1964, “a ruralização do ensino constituiu a proposta pedagógica do CPP”. O CPP propunha a “união da classe” – bandeira que ocupou um papel central no discurso veiculado pela entidade. A falta de união era divulgada como o principal empecilho para que o magistério fizesse valer os seus direitos (VICENTINI, 1997). Apesar de a associação proclamar a união da classe para lutar pelos direitos da categoria, também exaltava a abnegação com que o professor se dedicava à causa educativa. Esse elemento é bem notório no comentário do diretor-gerente da *Revista* acerca das experiências relatadas por Botyra em sua autobiografia.

O texto de Horta Lisboa ajuda a pensar nas táticas de Botyra para ocupar esse novo lugar de escritora e tornar sua obra conhecida entre o professorado. Além disso, sinaliza uma prática recorrente do CPP - divulgar obras e feitos dos associados na *Revista*, principal órgão informativo da entidade:

BotyraCamorim, professora primária, que dedicou a sua mocidade às lides do magistério e se aposentou em 1959, acaba de publicar, com o título de “Uma vida no magistério”, interessante livro de reminiscências sobre as lutas e os problemas que enfrentou durante a sua carreira [...] Através de suas páginas, o leitor tomará conhecimento da árdua missão do professor primário que, nas mais remotas regiões, enfrenta a resistência do meio e, ao mesmo tempo, impõe os princípios educacionais, sem provocar conflitos e conquistando a amizade das populações humildes. “Uma vida no magistério” é valioso depoimento, que merece ser conhecido por todos os professores. D. BotyraCamorim, que reside em Mogi das Cruzes, à rua Navajas, 43, aceitará encomendas de sua interessante obra, pois a edição é própria e, por certo conta ela com a boa vontade dos colegas, para a distribuição de seu atraente livro. “Uma vida no magistério” é mais uma contribuição do

professorado ao mundo das letras. A essa professora, sempre dedicada ao ensino de seus alunos, apresentamos os nossos cumprimentos pela sua realização, que é exemplo do esforço do professorado primário de nosso Estado. (HORTA LISBOA, 1962, p.34).

Na apresentação da obra, Horta Lisboa destaca o esforço, as lutas e a dedicação da professora ao magistério, sem mencionar a questão central da autobiografia de Botyra – as difíceis condições de trabalho para a professora primária na escola rural. A obra *Uma vida no magistério* foi produzida nos últimos anos da carreira de Botyra e tem como público-alvo os professores do estado de São Paulo. No momento da escrita, a professora encontrava-se numa situação de estabilidade profissional, lecionando numa escola com boas condições de trabalho – o Curso Primário Anexo à Escola Normal do Instituto. Desse lugar avalia as possibilidades da professora rural para “estar em dia com o progresso do ensino” (CAMORIM, 1962, p.98) e é a partir dele que ela significa sua experiência de docência.

Nesse ponto, tratar da inserção de Botyra na cidade de Mogi das Cruzes permite pensar as redes de sociabilidade e microclimas que extrapolam da escola para a cidade, propiciando a publicação da escritora também na imprensa comum. Ao discorrer sobre o estilo de vida urbano e modernidade, Velho (1995) afirma que o impacto e os efeitos da cidade moderna na vida da sociedade e dos indivíduos mobilizavam não só o mundo acadêmico universitário, mas a *intelligentsia* em geral. Isso porque a cidade tornou-se o lócus produtor de “novas formas de sociabilidade e interação social” (VELHO, 1995, p.228).

A zona rural, onde Botyra trabalhou por muitos anos, não propiciava trocas com outros professores, muito menos com intelectuais interessados no mundo das letras. Pelo contrário, as trocas culturais nas comunidades rurais eram permeadas pela tradição oral. A mudança para a zona urbana significou o estabelecimento de novas formas de interação social atravessadas pela escrita.

Mogi das Cruzes é descrita por alguns dos seus intelectuais como a cidade da cultura. Em 4 de maio de 1948 é criado o Centro de Cultura de Mogi das Cruzes, “na intenção de reunir os valores das ciências, letras e artes, principalmente do interior do Estado, êsse celeiro de inteligências que tem fornecido às Academias nomes glorificados no panorama intelectual do País”⁴.

⁴ O objetivo da agremiação foi retirado da Ficha de Filiação ao Centro Mello Freire de Cultura, cedida pela professora Nyssia Freitas durante realização de entrevista em 2008.

Observando a profissão dos membros da diretoria, também constante na referida ficha, pode-se saber quem eram os homens que se consideravam intelectuais do interior do Estado. O presidente de honra, Dr. Silvio Barbosa, era juiz de Direito na Capital; o presidente, Oscar Nascimento Siqueira, era engenheiro. Compunham a diretoria o presidente do Coral 1º de Setembro, um poeta e Acadêmico de Direito, um professor, o poeta Inocêncio Candelária, um perito contador, o redator responsável da *Gazeta*, o diretor do matutino *Folha de Moji*, um advogado, o presidente da Rádio Marabá, o diretor da *Gazeta de Moji*, o Oficial Maior de Cartório, o regente da Orquestra Sinfônica EutherpeMojiana, o maestro da Orquestra Sinfônica EutherpeMojiana e até o prefeito municipal.

O Centro de Cultura realizava semanalmente reuniões de estudo na Biblioteca Pública Municipal, havendo sempre um orador incumbido de dissertar sobre tema escolhido para ser posto, logo em seguida, em discussão. As correspondências para os convidados a participar das solenidades de posse da Diretoria eleita para o ano de 1952 também sinalizam as *redes* que se iam criando no Estado para funcionamento desse Centro e de outros semelhantes.

Foram convidados o prefeito de Mogi das Cruzes, o Delegado Regional de Ensino; o Diretor da “Voz do Pracinha” de Campinas (SP); o presidente do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas (SP); a Associação Campineira de Imprensa; o presidente do Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro de Campinas; o Dr. Luigi Martelli, Vice-Cônsul da Itália; o Diretor da *Gazeta de Moji* e o diretor do jornal *O Liberal*, da *Folha de Moji*.

Não foi possível precisar quando e por que o Centro de Cultura encerrou suas atividades. Quando, em 1965, foi inaugurado o Centro Mello Freire de Cultura (CMFC), a agremiação anterior parecia não mais funcionar. No entanto, é possível que ela tenha servido de referência e modelo para criação e modo de funcionamento do CMFC.

Esses mogianos viam em sua cidade o Centro Intelectual de toda uma extensa região. Eles queriam extrapolar as fronteiras da cidade. Por isso, uma das estratégias era acionar e ampliar as *redes*, via correspondências. A correspondência é elucidativa das formas como se davam e se mantinham as *redes* que favoreciam a circulação desses sujeitos entre mundos.

De acordo com Velho (1995), um dos traços essenciais do estilo de vida urbano moderno é a interação intensa e permanente entre atores variados, circulando entre mundos e domínios. Com isso, os indivíduos adquirem uma mobilidade de identidade que lhes permite transitar entre domínios e papéis.

Se a vida urbana cria possibilidades de formação de redes, nem todos os sujeitos, nem todas as professoras primárias que viveram nas cidades puderam deixar seus registros ou participar de associação que oferecessem condições para uma atuação mais ampliada que extrapolassem os muros da escola. Assim, a breve descrição da atmosfera cultural da cidade de Mogi das Cruzes foi um primeiro passo para entender a inserção social de uma professora primária, BotyraCamorim, como intelectual da cidade.

“Vi meu sonho realizado. Publicar livros”

A inserção social de Botyra em Mogi das Cruzes como professora que escreve e publica propiciou as condições para que ela acionasse magistério, literatura e jornalismo para intervir na cidade em diversas áreas, mas, sobretudo, por meio da literatura e da imprensa local. Mas como publica? De quais veículos lança mão? O que publica? Como aciona a imprensa comum e a pedagógica? Como constrói um lugar de onde cria um canal que permite o trânsito no qual aproxima escola, magistério primário e demandas sociais?

O modo como conseguiu publicar o primeiro livro é elucidativo:

Quando quis publicar UMA VIDA NO MAGISTÉRIO, em 1962, comecei a procurar Editoras de São Paulo. Na Martins, embora meu trabalho tivesse recebido boa apreciação de Raimundo de Meneses, não fui atendida. Na Revista dos Tribunais, uma luxuosa Editora, mandaram que eu procurasse uma Editora mais modesta. Depois de muito procurar, a conselho do poeta Melo Freire, fui à Editora Saraiva que me atendeu e meus três primeiros livros ela confeccionou. Jorge Saraiva ficou meu grande amigo até o fim da sua vida. Vi meu sonho realizado. Publicar livros (CAMORIM, 1986, p. 237).

Com a publicação do primeiro livro garantida, era preciso promover a divulgação. Para tanto, Botyra aciona o capital social adquirido no campo educacional. Assim, aquele que fez o prefácio de *Uma vida no magistério* é o mesmo que faz o texto de divulgação da obra para o professorado do Estado na *Revista do professor* – Luiz Horta Lisboa, diretor-gerente da *Revista*.

Outra iniciativa consistia em procurar pessoalmente editoras ou, ainda, enviar trabalhos às redações de jornais e revistas de São Paulo e de outros Estados. Foi assim que conseguiu tornar-se colaboradora da revista *Jornal das moças do Rio de Janeiro*: “Em 1933, enviei crônicas para a revista O *Jornal das Moças*, do Rio de Janeiro e fui aceita como colaboradora até o ano de 1945” (CAMORIM, 1986, p.231).

Mas nem sempre essas estratégias deram certo. Em 1935, Mário Graciotti, presidente da Rede do Clube do Livro, negou a publicação do livro *Um estranho na família*, alegando que a autora escrevia como uma normalista (CAMORIM, 1986).

As respostas negativas não foram suficientes para fazer Botyra desistir do seu projeto. Além de ter lutado para ser professora em sua cidade natal, ela sempre quis ter trabalhos publicados em jornais da capital:

Tentei conseguir isso. Fui à Redação da GAZETA. A pessoa que me atendeu, depois de ler umas crônicas que havia levado, foi franco. – Pois a senhora continue a escrever. Vá tentando sempre. Do trabalho constante, resulta progresso ... E eu continuei a escrever, a tentar e no ano seguinte, em 1958, mês de setembro, na segunda página da GAZETA, vi meu artigo publicado, “O método psico-profilático para gestantes”. Em 1959 até 1960, o Diário de São Paulo publicou seis artigos e oito poemas de minha autoria na página feminina de Suzana Rodrigues (CAMORIM, 1986, p.237).

Os relatos acima são elucidativos dos caminhos que Botyra teceu para se inserir no mundo das letras. A partir de 1965, no entanto, a produção de Botyra não pode ser entendida à margem do Centro Mello Freire de Cultura (CMFC). O Centro Mello Freire de Cultura foi fundado em 12 de junho de 1965 por elementos da sociedade mogiana, com a finalidade de “[...] estimular, desenvolver e difundir a cultura em geral, por intermédio de conferências, debates, comemorações cívicas bem como atividades recreativas e sociais”⁵. Apesar de Botyra afirmar que o Centro foi criado por “elementos da sociedade mogiana”, outro artigo, de um jornal mogiano, aponta ela mesma como fundadora: “Palco de diversas manifestações culturais como teatro, dança, literatura, artesanato e folclore, o Centro Mello Freire foi fundado pela escritora BotyraCamorim Gatti [...]”⁶.

Em 1965, seis anos após a aposentadoria, Botyra foi procurada para dar apoio a um grupo de estudantes do antigo Instituto de Educação Dr. Washington Luís, que promovia a I Semana Mello Freire, evento cultural em homenagem ao poeta Manoel de Sousa Mello Freire. O grupo de estudantes foi incentivado pela escritora para que desse continuidade ao movimento inicial, com a fundação de um centro cultural permanente, conservando o mesmo nome do patrono da I Semana de Cultura:

⁵ CAMORIM, B. Centro Mello Freire de Cultura. *Diário de Mogi*. Mogi das Cruzes, p.4, 7 de janeiro de 1969.

⁶ Sem sede, Centro Mello Freire completa 29 anos. *Mogi News*, Mogi das Cruzes, 18 a 24 de junho de 1994. Seção Cultura. (Sem menção de autor).

A idéia foi bem sucedida. Em 12 de junho de 1965, a partir da realização da I Semana Mello Freire, foi fundado o Centro Mello Freire de Cultura. Para os que não sabem a razão dessa homenagem, registre-se, aqui, que o poeta e escritor Manoel de Sousa Mello Freire foi homem de bens, considerado um dos mais cultos da geração mogiana de sua época. Tendo publicado certas obras de repercussão era visto com certo respeito pelos expoentes da cultura local⁷.

A despeito da disputa quanto à memória da criação do CMFC, é importante perguntar: quais eram as atividades que a entidade promovia?

Em comentários, crônicas e artigos, através de suas promoções em forma de festivais literários, excursões de intercâmbio cultural, concursos de contos, poesia, trova e declamação, em artigos publicados em revistas do Estrangeiro, Estado e cidades vizinhas, êste centro abriu campo para talentos em formação, dêsvolvendo os interêsses espirituais⁸.

O primeiro local onde funcionou o CMFC foi a casa da família Gatti, representada pela escritora Botyra Camorim, seu marido Carlos R. Gatti e a filha Jane: “Foi aí o seu berçário” (BARROS, 1993, p.8). A casa de Botyra tornou-se um *lugar de sociabilidade* e a contribuição dela nos movimentos literários da cidade valeu-lhe o título de “Intelectual do Ano” em 1966, um ano após a criação do Centro. A presença e a existência da entidade eram um meio para colocar em ebulição a cultura de Mogi das Cruzes e das cidades vizinhas.

Portanto, o significado do Centro para a sociedade mogiana tem a ver com o fato de que “[...] sem a cobrança da sociedade, a cultura de Mogi fica de fato relegada. Faltam espaços para exposições, lançamentos de coletâneas, varais de poesia, festivais de música e dança e encontros culturais, atividades que o centro já abrigou”⁹. Era esse espaço que o CMFC pretendia ocupar e preencher. Ao ceder sua casa, Botyra favoreceu a criação de uma rede de solidariedades entre os intelectuais de pequenas cidades. Agrupamento de intelectuais locais, o CMFC era, antes de tudo, uma estratégia para facilitar e tornar possível a divulgação e a produção das obras desses intelectuais. Os livros do grupo possuem um padrão muito semelhante. Alguns, quase artesanais, como os livros de desenhos feitos à máquina, pequenos livros de contos e poesias, e outros compostos e impressos em gráficas da

⁷ BARROS, M. R. de. Centro Mello Freire de Cultura completa 28 anos e corre risco de fechar. *MogiNews*, Mogi das Cruzes, 12 a 18 de junho de 1993. Seção Cultura, p. 8.

⁸ CAMORIM, B. Centro Mello Freire de Cultura. *Diário de Mogi*. Mogi das Cruzes, p.4, 7 de janeiro de 1969.

⁹ Sem sede, Centro Mello Freire completa 29 anos. *Mogi News*, Mogi das Cruzes, 18 a 24 de junho de 1994. Seção Cultura (Sem menção de autor).

própria cidade, dentre essas, a “TECO” Reproduções Gráficas e a Gráfica Nossa Senhora da Glória.

Valendo-me das palavras de Ângela de Castro Gomes (1999, p.10), situo o CMFC como um lugar de sociabilidade legitimado “para o debate e a propagação de idéias, indissociáveis de formas de intervenção na sociedade”. Eram jornalistas, professores, professoras, poetas, escritores, romancistas, historiadores, colunistas de jornais que mantinham contato com escritores de outras cidades e até de outros países.

Os comentários sobre a produção de Botyra revelam como o grupo contribuiu para sua maior expressividade e circulação. Diferentemente das obras anteriores a 1965, ano da criação do Centro, constam nas orelhas dos livros tais comentários, muitos retirados de jornais e revistas e incorporados pela autora às orelhas das obras como estratégia para garantir não só a legitimidade da sua produção, mas também para, com isso, aumentar sua circulação.

“Maneja com talento a pena e a lira”: a circulação e recepção das obras de Botyra

Destacar os comentários que são incorporados por Botyra às suas obras é importante para perceber alguns lugares onde estas circulavam, por quem eram lidas e como eram recebidas. Esses comentários eram feitos por pessoas que ocupavam lugares relacionados à divulgação do conhecimento e dos saberes, como professores, jornalistas e escritores.

Comentários às obras de Botyra Camorim¹⁰

Comentário	Quem faz	Profissão	Local	Suporte	Ano
B.C., educadora emérita é também excelente romancista.	-	-	São Paulo/SP	Livros e autores – A Gazeta	1966
B.C., é um exemplo típico de vocação literária.	-	-	Campinas/SP	Correio Popular	1966
B.C. revelou qualidade de ficcionista aprimorada e elegante [...]	-	-	Fortaleza/CE	O Estado	1966
B. C. se revela uma escritora com grandes qualidades para o romance psicológico.	Álvaro Faria	-	Rio de Janeiro/RJ	-	1969
B. C., uma das maiores expressões literárias de Mogi das Cruzes	Inocência Candelária	-	Mogi das Cruzes/SP	Diário de Mogi	1968
B. C., romancista, poeta, jornalista, tudo que essa escritora faz nessa atividade, é com amor, elegância de estilo e muita dedicação. A CASA DO POETA DE SÃO PAULO, orgulha-se de tê-la entre os seus.	Bernardo Pedroso	Presidente da Casa do Poeta de São Paulo	São Paulo/SP	-	1968
Não é romancista quem quer mas sim quem pode e vós, tendes todos os atributos indispensáveis para vir a marcar um lugar de destaque nas letras brasileiras.	Ferrer Lopes	Poeta	Queluz-Portugal	-	1968
... Nos seus romances, transparecem as características marcantes de observação precisa e expressão fluente a serviço da imaginação criadora, a capacidade de reproduzir situações reais da vida com segurança, exatidão e finura, qualidades fundamentais e o estilo de uma grande escritora.	Dr. Paulo Mello Freire	-	São Paulo/SP	-	1969
... Maneja com talento a pena e a lira esta escritora que Mogi bendiz, a ilustre intelectual dona Botyra!	Inocência Candelária	-	Mogi das Cruzes/SP	-	1969
O livro de B. C. constitui motivo de orgulho para seus alunos e legítimo padrão de glória para o ensino a que ela tanto serviu.	Corrêa Junior	-	-	A Gazeta	1973
B. C., educadora emérita, é também excelente romancista. “Um estranho na família” livro humaníssimo.	Amoroso Lima	-	-	A Gazeta – Livros e autores.	
La escritora posee todos los recursos intelectuales para llevar a buen fin el arte de escribir novelas.	-	-	Espanña	Organo oficial de la Casa de Espanña	1973
A autora volta a revelar em sua inclinação literária, a simplicidade agradável do estilo com que se apresenta ao leitor.	-	-	-	O Professor – Órgão do CPP	1974

Fonte: Elaboração da autora.

¹⁰ Neste artigo, foi reproduzida somente uma parte do quadro de “Comentários às obras de Botyra Camorim”. Na dissertação de mestrado de Alcântara (2008), encontra-se o quadro completo.

É necessário esclarecer que as categorias para composição do quadro dos “Comentários às obras de Botyra Camorim” foram elaboradas de acordo com as informações fornecidas nos comentários, como nome, profissão e lugar de habitação de quem escreveu, suporte onde foi publicado o comentário e ano de publicação da obra em que o comentário aparece.

Especificar os nomes daqueles que enunciaram um ponto de vista acerca da produção da escritora mogiana ajuda a situar quem eram os prováveis leitores de Botyra. Suas obras eram lidas por homens e mulheres? A profissão permite situar, ainda que superficialmente, de onde fala aquele que comenta. O lugar de habitação indicia os espaços nos quais as obras poderiam chegar ou circular. Os suportes (revista, jornal), além de corroborarem para identificar o lugar da enunciação do comentarista, poderiam contribuir para ampliar a circulação, principalmente quando se considera o destaque de quem fala na cidade de Mogi, em outros Estados ou países.

Nem todas as categorias foram encontradas nos comentários, mas aquelas que pude especificar favorecem a percepção dos espaços onde Botyra foi se inserindo em Mogi das Cruzes. O Instituto de Educação de Mogi das Cruzes, o jornal *Diário de Mogi* e o Centro Mello Freire de Cultural foram importantes *lugares de sociabilidade*.

Percebe-se pelo “Quadro” que as trocas intelectuais iniciadas em Mogi extrapolam as fronteiras da cidade e sinalizam o movimento feito pela escritora e por seus pares para colocar em circulação suas obras e suas ideias, além de manter em funcionamento organizações como o CMFC.

Observando os autores dos comentários e os suportes onde eles se dão, constata-se que, acionando as amizades e as relações em diferentes tempos e espaços, a escritora pôde assegurar a divulgação e a leitura de suas obras. Ela passou a pertencer à Casa do Poeta de São Paulo com a ajuda da amiga e ex-colega na Escola Normal do Brás, Alice de Paula Moraes, também professora e poetisa. Não foi possível precisar o que era a Casa do Poeta, mas aí também Botyra realizava o lançamento dos seus livros.

Além desse espaço, o jornal *Diário de Mogi* e o próprio Instituto de Educação serviam a esse propósito. Se esses espaços favoreciam à divulgação, as Semanas Mello Freire de Cultura tornavam-se ocasiões propícias para produção de novos trabalhos, como se pode perceber no excerto abaixo transcrito do jornal *O Professor*, mais precisamente, da secção “Atividades do Interior”:

A poetisa Botyra Camorim ofereceu à Redação de “O Professor”, seu livro mais recente, editado por ocasião da última Semana Mello Freire de Cultura. Trata-se de *Coração*, com novas poesias da autora, que já publicou cinco romances e cinco livros de versos, tendo ainda novas obras a publicar¹¹.

Garantir a leitura das novas obras era uma maneira de continuar produzindo, visto que os custos da publicação ficavam às suas expensas. Pode-se entender, assim, a sugestão do leitor para que uma grande editora publicasse as obras de Botyra. Nessa direção, as informações que aparecem em todos os livros de Botyra, tanto nos que já haviam sido publicados, quanto nos que estavam no prelo, bem como os comentários e as referências aos títulos recebidos pela escritora, serviam para acrescentar legitimidade à autora e promover a comercialização. Daí a presença do endereço da autora na última capa, a fim de que os leitores pudessem solicitar novos livros, negociando diretamente com ela. De todo modo, foram as relações profissionais, bem como os laços de amizade, que não determinaram o sonho de Botyra em publicar livros, mas ofereceram as condições para maior circulação e leitura das obras de uma professora primária que se torna conhecida como intelectual de uma cidade onde não nasceu, mas na qual viveu e teceu suas redes.

O reconhecimento dos pares de que a escritora merecia ter uma projeção maior, publicando em “grandes editoras”, bem como lhe oferecendo títulos, também contribuíam com a comercialização necessária à continuidade da produção. Só para pontuar, outro modo de funcionamento do Centro era a publicação em conjunto, como o livro de José Veiga, que reuniu poesias de escritores mogianos e suas respectivas biografias. José Veiga era do sindicato dos professores e possuía uma gráfica.

Como toda a trajetória de professora primária se relaciona com esse lugar de intelectual que Botyra passa a assumir? A hipótese é a de que, além do projeto de se tornar uma escritora, ela lança mão da escrita como instrumento de intervenção social.

“Muita gente pergunta a razão que me leva a escrever”

As redes e microclimas remetem aos pertencimentos que mais ou menos configuram as escolhas, as produções e as ações individuais e do grupo. Diferentemente das comunidades rurais, onde Botyra viveu quase duas décadas, o contexto urbano favoreceu a reunião de intelectuais em torno de objetivos culturais. Além de uma produção considerável, os membros do CMFC

¹¹ *Jornal O Professor*, Centro do Professorado Paulista, São Paulo, agosto de 1971, p.7.

Rev. Fac. Educ. (Univ. do Estado de Mato Grosso), vol. 19, ano 11, n.1, p. 71-92, jan./jun. 2013.

eram os mesmos que participavam de importantes eventos na cidade, de obras sociais e culturais; eram os que davam nomes às escolas e escreviam nas revistas e nos jornais mogianos.

Mesmo tendo se aposentado em 1959, a atuação da professora Botyra na sociedade mogiana foi tão expressiva que ela continuou recebendo homenagens públicas: Em 1992, deu-se a reabertura do Centro Municipal de Esporte e Lazer, com o nome de “Profa. BotyraCamorim Gatti”. Também a Escola da APAE, a partir de 2002, passou a levar o seu nome, pois não somente foi sua primeira diretora por seis anos, como participou da fundação da instituição em 27 de março de 1969. Ela estruturou os alicerces da escola numa época em que as APAEs ainda se organizavam no Brasil. Se esse intelectual atua em várias frentes, no caso de Botyra, o destaque será dado à atuação por meio da imprensa, o que não impede que outras formas de ação entrem em jogo.

A imprensa local foi uma forte aliada na divulgação dos trabalhos dos intelectuais de Mogi das Cruzes. Muitos deles escreviam nos jornais da cidade, principalmente no *Diário de Mogi*. Como a intelectual e professora Botyra procura veicular saberes para educar o social? Para elucidar esse desafio, recorro às publicações, dando atenção especial aos textos do jornal *Diário de Mogi*, reunidos no livro *Coisas que acontecem*, da mesma autora. Os textos reunidos nesse livro é uma coletânea das publicações naquele jornal. Eles evidenciam os modos pelos quais a professora Botyra se coloca como uma “intelectual”, ocupando um lugar no mundo das letras e no jornalismo de onde pensa o social. Na trajetória de Botyra, educação, literatura e jornalismo se aproximam.

Segundo Botyra, o *Diário de Mogi*, fundado em 1957, “vem publicando o que escrevo” (CAMORIM, 1986, p.200). Em texto publicado no “Dia da Imprensa”, dá alguns detalhes da sua relação com o jornal:

[...] do seu Diretor Dr. Tirreno Dasambiagio ouvi estas palavras que não esqueci: a casa é sua. Disponha. E fiz do *Diário de Mogi* a minha casa. No seu saguão lancei meus livros, expus meus desenhos feitos à máquina. Levar meus trabalhos à Redação do jornal é um passeio que faço com a maior alegria e isso porque agora depois de trabalhar durante trinta e cinco anos, escolhi para o final da minha vida, a difícil arte de escrever [...]. (CAMORIM, 1986, p.200).

Escrever episódios que presenciava ou dos quais participava era uma característica da produção de Botyra. A coluna do jornal *Diário de Mogi* –

“Coisas que acontecem” – é uma reunião de textos escritos com essa configuração: crônicas sobre a vida na cidade de Mogi das Cruzes, no estado de São Paulo e no Brasil. Pela escrita, essa professora e os membros do CMFC têm um poder de ação social ampliado (SEVCENKO, 1999), porque podiam não somente divulgar sua produção, mas também discorrer sobre “coisas que acontecem”. Segundo Sevcenko (1999, p.232), nesse tipo de atividade intelectual, apagam-se “as fronteiras tradicionais entre o homem de letras e o homem de ação, entre escritor profissional e o homem público e entre o artista e a sua comunidade”. Havia neles “uma fé otimista nessa opção pela literatura como meio de expressão” (p.233).

Como intelectual da cidade, sobre quais temas Botyra se debruça? Dentre as “Coisas que acontecem”, a quais dá destaque no jornal *Diário de Mogi*? O que aparece como parte de suas preocupações? Antes de discorrer sobre essas questões, vale salientar que os textos foram analisados do ponto de vista da topologia dos discursos, de Roland Barthes, ao afirmar que todo discurso vem de um lugar e vai para outro lugar. Cada fala que pronunciamos só poder ser inteiramente entendida em função do lugar (prático, ideológico, teórico) de onde falamos e, ainda, em função do fato de falarmos sempre em nome de qualquer coisa.

Considerando as possíveis preocupações da escritora no momento da escrita e a frequência com que certos assuntos são abordados, podem ser elencados quatro temas sobre os quais Botyra com recorrência dialoga com os mogianos: o trabalho na APAE; a vida na cidade; o Prêmio Nobel e a educação (no lar e na escola) como solução para diversos problemas contemporâneos.

O trabalho na APAE foi, para a escritora e professora aposentada, um modo de manter a atividade física e intelectual e tratar dos problemas dos seus semelhantes para esquecer os seus. Não tinha experiência com “excepcionais”, mas, com a ajuda de um psicólogo, enfrentou mais esse desafio. Com mais de sessenta anos, Botyra começou a aprender acordeon para tocar nas festas da APAE. As experiências de sucesso da escola são relatadas:

A APAE em começo, não tinha condições financeiras para comprar uma cadeira de rodas. Então fiz o apelo através do Boletim Mensal que publicava. No jornal da cidade, o Diário de Mogi e fiquei aguardando uma doação. Dias depois, na Semana do Excepcional daquele ano, numa tarde fria, eu trabalhava no Bazar da APAE, instalado na Firmina Santana, quando um carro

parou junto à entrada do Bazar. Uma jovem senhora que fez questão de ficar no anonimato, trazia a cadeira de rodas atendendo nossos apelos [...] Quando o menino sentiu-se firme, bem acomodado, girando a roda e deslocando-se facilmente pelo quarto atijolado, olhou radiante para a mãe e gritou: _ Mãe! A senhora não precisa mais me carregar, mãe! (CAMORIM, 1986, p.131).

Nesse relato, percebem-se também os diferentes modos pelos quais Botyra vai acionando a imprensa. Não somente o problema da APAE foi levado a conhecimento público, mas diversos acontecimentos da vida na cidade, desde as festas, comemorações, campanhas, até os problemas de violências e casos de crianças abandonadas.

O trânsito na imprensa ensinava a atuação e a intervenção em diversas áreas da cidade por meio da divulgação de suas obras. Sua inserção no campo da literatura também era reforçada pela informação aos leitores sobre eventos na área. Quando trata de assuntos literários, é para informar ao leitor sobre o ganhador do Prêmio Nobel de Literatura ou destacar a figura de Pearl Buck:

Por diversas vezes, menciono nos meus trabalhos, o nome da inigualável escritora americana Pearl Buck, a mulher que deixou para o mundo, livros repletos de ensinamentos dignos de serem seguidos. Morreu aos oitenta e três anos e teve uma vida repleta de realizações. Adotou como filhos, nove crianças. Foi a fundadora de um Instituto para retardados mentais. Recebeu o Prêmio Nobel de Literatura e escreveu incontável número de livros para adultos e crianças (CAMORIM, 1986, p.27).

Pearl Buck é a referência literária mais citada por Botyra. No excerto, ela coloca em evidência o entendimento do livro como portador de ensinamentos a serem seguidos. Como a americana, Botyra fundou uma instituição para crianças deficientes, no entanto, não ganharia o Prêmio Nobel.

Por fim, não poderia deixar de mencionar, ainda que de forma breve, o lugar que Botyra atribui à escola quando escreve na imprensa local. Sempre relacionada ao lar, a escola assume, nesse discurso, a função de moralização social: “Lar e escola continuam sendo as bases sólidas a produzirem vidas que afirmarão, no futuro, o que receberam de bom ou de mal. Eles são os responsáveis pelo desequilíbrio das vidas que forjarem” (CAMORIM, 1986, p. 75). Desse modo, entende-se a indignação da escritora com as escolas que só instruem, mas não educam:

Mães e professores comecem desde já no lar e na escola a combater a violência, a maldade, o crime. Eduquem! A par da instrução, mantenham sempre a sublime missão de educar. Que as estórias infantis, as que mais gravadas ficam na mente da criança sejam de fundo moral, de pureza, bondade, mesmo com os temas atualizados e reais. Educar dizendo “no meu tempo as coisas eram assim ...” nada significa (CAMORIM, 1986, p.159-160).

A importância do trabalho conjunto entre o lar e a escola é assegurada cientificamente pela escritora quando recorre ao seu lugar de professora e aos ensinamentos que recebeu:

E quando falo em educar, não me refiro só ao valor da instrução mas sim aos valores morais que a família e a escola têm a obrigação e o dever de despertar e manter vivos nas crianças e nos adolescentes sob seus cuidados. ‘A educação do ser humano começa antes do nascimento’ como dizia meu professor Dr. Almeida Junior há mais de meio século. Criar hábitos sadios que se tornam uma segunda natureza, é educar (CAMORIM, 1986, p.152).

Ao usar seus conhecimentos como professora para escrever na imprensa local, ao usar a imprensa local para resolver problemas na escola da APAE, Botyra vai mostrando como acionou as diversas dimensões da sua vida e os diversos papéis que foi assumindo para dar respostas às “pequenas” demandas do cotidiano ou executar projetos “maiores”, dando realce ora a um, ora a outro papel.

Além disso, foi possível perceber como a professora Botyra concretizou seu projeto de escritora na cidade de Mogi das Cruzes. Nessa cidade, usa estratégias de reconversão quando aciona o prestígio adquirido como professora e diretora do Curso Primário no Instituto de Educação para publicar na imprensa local e na educacional, mas também para se inserir no mundo das letras. De um lado, o magistério é o tema principal de romances, contos e artigos; de outro, a escrita divulga o magistério, a condição da professora primária e os saberes educacionais.

Considerações finais

A contribuição deste artigo consiste em evidenciar, no caso dos professores primários, o “[...] desejo de usar a palavra impressa para dizer algo a alguém” (DAVIS, 1990, p.161). Os textos escritos por Botyra, em diferentes momentos de sua trajetória, foram profícuos a esse propósito,

porque neles foi possível perceber a dispersão do sujeito, ou, ainda, a pluralidade de vozes (polifonia) que entram em diálogo. Diferentes pontos de vista, de diferentes atores sociais (professor de Escola Normal, inspetor escolar, sertanejos, dentre outros), que ocupam lugares sociais distintos, emergem, evidenciando tensões entre saberes e práticas docentes e modos de ser professora primária no período.

Pensar a experiência de docência por meio da escritura significa considerar que a experiência e o relato do vivido não se identificam. Ou seja, o relato nunca será a experiência em si, o que não significa a impossibilidade de pensar sobre ela. Como consequência, a finalidade desse procedimento não é buscar a coerência do sujeito, nem a continuidade do percurso, ou, ainda, uma única identidade. Antes, porém, interessa abordar uma maneira particular de traduzir experiências que apontam para modos coletivos de viver e perceber a profissão. Profissão que extrapola os limites da sala de aula, fazendo, dos professores primários, mensageiros de relações.

Referências

ALCÂNTARA, W. R. R. *Uma vida no magistério: fios e meadas da história de uma professora paulista*. 2008. 237f. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BARTHES, R. Escritores, intelectuais, professores. *O rumor da língua*. Lisboa: Edições 70, 1987.

DAVIS, N. Z. *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França Moderna*. Tradução de Mariza Corrêa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

GOMES, A. de. C. *Essa gente do Rio... modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

MORSE, R. As cidades “periféricas” como arenas culturais: Rússia, Áustria, América Latina. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.8, n.16, p. 205-225, 1995.

SEVCENKO, N. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

VELHO, G. Estilo de vida urbano e modernidade. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.8, n.16, p. 227-234, 1995.

VICENTINI, P. P. *Um estudo sobre o CPP (Centro do Professorado Paulista): profissão docente e organização do magistério (1930-1964)*. 1997. 196f.

Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo.

Fontes

CAMORIM, B. *Uma vida no magistério*. São Paulo: Saraiva, 1962.

_____. A aplicação dos testes. *Revista do Professor*, São Paulo, ano XVII, n. 44, p. 15, mar. 1959.

_____. Algebrismo e repetência nas escolas. *Revista do Professor*, São Paulo, ano XVII, n. 46, p. 30, jul. 1959.

_____. Coisas da minha terra. *Revista do Professor*, São Paulo, ano XVII, n. 49, p. 36, dez. 1959.

_____. Meu professor. *Revista do Professor*, São Paulo, ano XVIII, n. 53, p.30, abr. 1960.

_____. VenturisVentis. *Revista do Professor*, São Paulo, ano XVIII, n. 55, p.29, jul. 1960,

_____. Férias escolares. *Revista do Professor*, São Paulo, ano XVIII, n.58, p.25, out. 1960.

_____. Disciplina rigorosa. *Revista do Professor*, São Paulo, ano XVIII, n. 59, p.13, nov. 1960.

_____. Maestro Julião. *Revista do Professor*, São Paulo, ano XX, n. 66, p.21, jan-fev 1962.

_____. Museu de arte. *Revista do Professor*, São Paulo, ano XX, n. 67, p.33, mar.-mai. 1962.

_____. Mulher brasileira. *Revista do Professor*, São Paulo, ano XX, n.69, p.20, ago-set, 1962.

_____. O privilégio de ser professor. *Revista do Professor*, São Paulo, ano XXI, n.71, p.30, jan-mar 1963.

_____. *O grande segredo*. Mogi das Cruzes: [s.n.], 1966.

_____. *Cristina*. Mogi das Cruzes: [s.n.], 1968.

_____. *Além da Terra*. Mogi das Cruzes: [s.n.], 1974.

_____. *Trevo de quatro folhas*. Mogi das Cruzes, 1978.

_____. *Coisas que acontecem*. São Paulo: Oficinas da Sociedade Impressora PannartzLtda, 1986.

_____. *O romance da Sra. Gatti*. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1972

LISBOA, L. H. Uma vida no magistério. *Revista do Professor*, São Paulo, ano XX, n.68, p.34, jun-jul 1962.

Jornais

BARROS, M. R. de. Centro Mello Freire de Cultura completa 28 anos e corre risco de fechar. *MogiNews*, Mogi das Cruzes, 12 a 18 de junho de 1993. Seção Cultura, p. 8.

CAMORIM, Botyra. O intelectual do ano. *Diário de Mogi*, Mogi das Cruzes, p.3, 25 de fevereiro de 1969.

_____. Centro Mello Freire de Cultura. *Diário de Mogi*. Mogi das Cruzes, p.4, 7 de janeiro de 1969.

CENTRO DO PROFESSORADO PAULISTA. Mogi das Cruzes. *Jornal O Professor*. São Paulo, Agosto de 1971, Seção Atividades no Interior. p.6.

MOGI NEWS. Sem sede, Centro Mello Freire completa 29 anos. *Mogi News*, Mogi das Cruzes, 18 a 24 de junho de 1994. Seção Cultura. (Sem indicação de autor).

Data de recebimento: 13.07.2012

Data de aceite: 01.10.2012